

VILEM FLUSSER

Quando crianças, brincávamos esse jogo. Os poetas atuais continuam a brincar. Formam, com essa brincadeira, a vanguarda daquela atividade lúdica chamada "civilização humana". O propósito do presente artigo é defender a tese de que a poesia cria a civilização, e de que a poesia concreta cria a civilização do futuro imediato. Os meus contatos com poetas concretos, e mais especialmente com o sr. Haroldo Campos, fazem-me crer, embora tenham sido contatos fugazes, que esses poetas estão quase conscientes do papel que lhes cabe. Se o presente artigo contribuir para a consciencialização desse papel, terá alcançado a sua meta. Mas, mesmo se falhar, se provocar alguma reação na mente dos poetas e seus leitores, dou-me por satisfeito.

Comegarei por uma definição dos dois termos, como uma definição que estará em desacordo com os dicionários filosóficos, mas concordará com uma teoria que forma, a meu ver, a base inconsciente da poesia. Definirei os termos "concreto" e "abstrato" como qualidades lógicas de conceitos. Direi que o conceito "Haroldo Campos" é um conceito concreto, e que o conceito "poeta concreto" é um conceito abstrato, porque o primeiro tem apenas um representante, enquanto o segundo tem vários, embora talvez enumeráveis. O conceito concreto é portanto uma classe de um único membro, e o abstrato tem vários membros que podem ser, por sua vez, classes. Assim, o conceito "Haroldo Campos" tem um único membro, que é o sr. Haroldo Campos, o conceito "poeta concreto" tem vários membros, por exemplo também o sr. Decio Pignatari, e o conceito "poeta" tem vários membros que são classes, por exemplo "poeta concreto", "poeta romântico" e "poeta alienado". O termo "abstrato" pode ser portanto graduado, e o conceito "poeta" é mais abstrato que o conceito "poeta concreto". Em suma: de acordo com esta definição são conceitos concretos os nomes próprios como "Haroldo Campos" e "esta caneta", e são conceitos abstratos todos os demais nomes.

Esta definição está em desacordo com os dicionários que definem "concreto" como "realidade não abreviada em contato íntimo com a realidade total (Hegel)". (Escolhi de propósito a definição hegeliana, porque demonstra como definições podem obscurecer, em vez de iluminar, o termo a ser definido). A tradição filosófica dirá, em outras palavras, que o conceito "Haroldo Campos" é abstrato, e que concretas são as impressões que o sr. Haroldo Campos me causa. Mas a tradição filosófica é prisioneira de um círculo vicioso. Porque essas impressões são abstrações da concreticidade que é o sr. Haroldo Campos, por exemplo a impressão "poeta concreto" que ele causa. Insisto portanto na definição do concreto como nome próprio e da concreticidade como qualidade (lógica e existencial) que ao nome próprio adere.

A tradição filosófica afirmará que o nome próprio "Haroldo Campos", significa as impressões que aquele poeta concreto me causa. Nessa afirmação a circularidade e a viciosidade do argumento me parece patente. Afirma, com efeito, em sua tentativa fútil de ultrapassar os limites da língua, que o nome próprio significa aquilo que o nome próprio causa, ou aquilo que causa o nome próprio e o que é aquilo que o nome próprio causa. Não pode haver mais belo exemplo de uma roda gigante girando em ponto morto. Resumindo o argumento torturoso, chegamos ao seguinte resultado: o nome próprio significa-se a si mesmo. E este é realmente o característico do concreto (tanto lógico como existencial): o concreto significa-se a si mesmo. O conceito "Haroldo Campos" é concreto, porque significa Haroldo Campos, e o conceito "poeta concreto" é abstrato, porque significa algo além de si, por exemplo Haroldo Campos. Conceitos são sig-

nificativos, apontam para algo. Conceitos abstratos apontam para fora de si mesmos, conceitos concretos apontam para dentro. A poesia concreta é concreta porque e quando aponta para dentro de si mesma, porque e quando se significa a si mesma. Um poema concreto é concreto porque e quando é, em sua totalidade, um único nome próprio, significando-se a si mesmo.

Esta definição da poesia concreta é de tremenda radicalidade, e não sei se os poetas concretos se dão conta do quanto é radical e do quanto é tremenda a sua tarefa. É radical a sua tarefa, porque consiste na proclamação de nomes próprios, portanto na criação das raízes da realidade. É tremenda, porque essas raízes brotam do chão do nada, daquele chão que faz tremer o poeta que o pisa. O poeta concreto, ao abandonar o chão firme replasado das abstrações, o chão sólido tradicional do significado externo, mergulha na região misteriosa do vir-a-ser, para de lá voltar, tremendo, com novos nomes próprios, reféns do nada. Cada um desses "poemas concretos" novos, é uma conquista do intelecto criador ao caos do nada, e enriquece o território da realidade. Assim, é o poeta concreto a um tempo a abertura da realidade para o nada, e a defesa da realidade ante o nada que a cerca.

Criar realidade é uma atividade linguística, já que consiste na criação do concreto, que é o nome próprio novo. A poesia concreta, que se sabe atividade linguística, é portanto uma criação autoconsciente. Sabe que criando língua está criando realidade, "o concreto". As pesquisas linguísticas dos poetas concretos são sintomas de consciencia despertada. Mas ao ler os poemas concretos temos a sensação de uma força re-freada, de uma aventura limitada, de um avanço cheio de reservas. Embora conscientes da sua tarefa, parecem os poetas concretos inibidos na sua tentativa de cumpri-la. Seja por concessões que fazem aos que continuam presos dos conceitos abstratos, seja por receio de um mergulho definitivo no caos do nada, não queimam os poetas concretos as pontes que os ligam à terra firme do significado externo. O resultado é, a meu ver, uma poesia híbrida que deixa apenas entrever a esperança daquilo que seria uma autêntica poesia concreta...

Baseando-me na "antologia noigandres 5" e no "plano-piloto para poesia concreta", devo confessar que o que me choca é a timidez tanto da teoria como da prática dos seus autores. Sem dúvida, descobriram eles um continente novo, mas parece faltar-lhes a coragem de colonizá-lo. Em vez de empenhar-se com toda a energia em prol da língua, continuam a manter ligações com empenhos que já devem ter reconhecido como superados. Não são suficientemente radicais, e não admitem portanto a língua como fonte da realidade. Os seus poemas são, em consequência, acanhados. Teorizam sobre artes gráficas, praticam compromissos como "Topogramas", quando deveriam teorizar sobre a estrutura visual e auditiva das palavras, quando deveriam praticar o abandono de si mesmos à língua. Não obstante, é através de poemas como aqueles que podemos vislumbrar, embora nebulosamente, uma nova abertura da nossa civilização já esgotada em tantos aspectos.

O processo civilizatório pode ser encarado de três ângulos: a partir da sua origem, a partir de sua meta, e de dentro. A partir de sua origem esse processo se afigura como decadência, a partir de sua meta, como progresso, e a partir do seu curso, como abstração. Decadência, progresso e abstração são os três aspectos da "história", e podemos dizer que a civilização decai de suas origens concretas e progride em direção às suas metas abstratas. A civilização é uma conversação que

substitui progressivamente nomes próprios por nomes sempre mais universais e abstratos. Os nomes próprios, significando-se a si mesmos, estão cheios de significado, mas o seu campo é restrito. Quanto mais abstrato um nome, tanto maior o seu campo de significado, e tanto mais vazio. O processo civilizatório é um avanço a partir da plenitude do significado em direção à amplitude do insignificado. Na história da civilização ocidental esse processo teve três fases, aproximadamente paralelas com as três "Idades" que nos ensinaram no ginásio. Na Idade Antiga partiu do concreto dos mitos, de nomes próprios cheios de significado como "logos", ou "Adão" ou "Ahriman", e progrediu e decaiu em abstrações ocas como "lógica aristotélica" ou "antropocentrismo" ou "plotinismo". No fim da Idade Antiga a civilização tinha esgotado, pela abstração, os nomes próprios concretos dos mitos e estagnado na universalidade das filosofias e religiões esotéricas. A Idade Média partiu do concreto da fé, de nomes próprios cheios de significado como "Deus" e "alma" e "salvação", e progrediu e decaiu em abstrações ocas como "prova ontológica" e "realismo" e "tomismo". No fim da Idade Média a civilização tinha esgotado, pela abstração, os nomes próprios concretos da fé e estagnado na universalidade da escolástica. A Idade Moderna partiu do concreto sensorial, de nomes próprios cheios de significado como "pedra" e "queda" e "conhecimento", e progrediu e decaiu em abstrações ocas como "antiprótão" e "campo unificado" e "Indeterminabilidade de Heisenberg". No presente momento a civilização parece ter esgotado, pela abstração, os nomes próprios concretos dos sentidos e estagna na universalidade dos conceitos científicos. É precisamente nesse momento que surge a poesia concreta. Surge, portanto, em "tempo de penúria" e como esperança de uma nova abertura.

Para a Idade Antiga a realidade se concretizava nos mitos, para a Idade Média na fé, para a Idade Moderna nos sentidos. Para nós, geração a um tempo epigônica e pioneira, a realidade é problemática e a luta por um senso de realidade é o tema das nossas vidas. A poesia concreta aponta para um novo campo de realização: a língua. É na língua que ela procura restabelecer o senso de realidade perdido. Numa língua, bem entendido, que não seja um sistema de símbolos significando algo externo, mas um sistema de nomes próprios cheios de significado de si mesmos. Se compreendermos a poesia concreta assim, ela não é, afinal, algo tão novo. A música, tal como vem sendo composta há pelo menos quatrocentos anos, é uma poesia concreta, porque procura a realidade dentro de um aspecto concreto da língua. A música é um proclamar de nomes próprios, porque significa-se a si mesma, e a música é uma atividade linguística, porque a sua matéria-prima é a língua falada despida de significado externo. E a pintura, tal como vem sendo composta há poucos decênios, aproxima-se rapidamente de um estágio que pode ser chamado de "poesia concreta". Procura a realidade dentro de um outro aspecto concreto da língua. É um proclamar de nomes próprios, porque significa-se a si mesma, e é uma atividade linguística, porque a sua matéria-prima é a língua escrita despida de significado externo. A vivência imediata da realidade que a grande música proporciona, e a visão fugaz da realidade que algumas das novas pinturas proporcionam, testemunham uma nova abertura da civilização, uma nova concreticidade.

Mas os poetas concretos dos quais trata este artigo são mais ambiciosos que os músicos e pintores. Pretendem captar a realidade na plenitude da língua. Pretendem reunir numa única concreticidade o aspecto musical, pictórico e conceitual

---

da lingua. Dou como exemplo o nome proprio "homemmoenda-nomemmoagem" criado por Haroldo Campos. O sussurrar musical desse nome quando lido em voz alta, a vivencia angustiante dos "m" quando contemplado visualmente, e o significado conceitual dos nomes "homem", "moenda" e "moagem" criam uma unicidade concreta que é um elemento da nossa realidade. Não direi que os poetas concretos tenham alcançado a sua meta de criar realidade. Como já disse, parecem-me inibidos, cheios de compromissos, e presos a abstrações da Idade Moderna ultrapassada. Não me parecem totalmente autenticos no seu empenho em prol da lingua. Ainda não surgiu entre eles nenhum Bach, e nem me parece ter surgido um Mondrian entre eles. Mas não tenho duvida em afirmar que eles plantaram uma semente da qual poderá brotar a arvore do futuro. Que esta semente esteja sendo plantada no Brasil é sintomatico do papel que este Pais é chamado a desempenhar no conjunto do Ocidente. Apelo portanto aos poetas concretos que tomem mais a serio a si mesmos, e apelo ao publico inteligente que se aprofunde com seriedade e humildade nas tentativas tremendamente radicais que os poetas concretos estão empreendendo. Estamos todos, nós Ocidentais em geral e no Brasil em particular, empenhados na procura de um novo senso de realidade. Nessa procura os poetas concretos formam uma vanguarda, não necessariamente a unica, nem necessariamente a mais bem sucedida, mas certamente uma das mais empolgantes. Se, com estas considerações, forneci alguma arma nova na luta do intelecto contra o caos a estes bandeirantes, o meu esforço terá sido amplamente recompensado.

6/6/64